

## HÁ OU NÃO LIBERDADE DE IMPRENSA?

“A Batalha” está há três dias sob o regime de censura prévia. A polícia entra na casa de impressão — o que é contra a lei — leva um exemplar ao governo civil e enquanto não traz licença para poder circular, “A Batalha” não circula.

Preguntamos ao sr. governador civil se conhece o art. 2.º, do decreto que regula a liberdade de imprensa o qual preceitua:

Art. 2.º Incorrerá na pena de demissão e na de multa de 200\$00 a 1.000\$00 escudos, ficando ainda sujeita a indemnização de perdas e danos, se tiver logar, e que será liquidada em execução de sentença se nesta não puder ser logo determinada, a autoridade contra quem o delegado do procurador da República, ou qualquer interessado, provar que submeteu a censura, ordenou ou autorizou a apreensão, apreendeu, ou por qualquer forma embaraçou a livre circulação de quaisquer publicações, ainda que para tanto tivesse ordem ou autorização de superior legítimo.

### Há ou não liberdade de imprensa?

#### O inquérito

Curiosa toda esta vida política. O inquérito à polícia está sendo feito... pela própria polícia! É esse inquérito, que toda a gente calcula o que será, exige que no prazo urgente de 48 horas, sejam fornecidos aos inquiridores as provas testemunhais por parte daqueles que aos acontecimentos se referiram.

Claro é que, sabendo toda a gente dos factos, pelo que se pode saber cá fora, não é o público que está habilitado a testemunhar o que se passou entre a polícia e os presos. E, passadas 48 horas, prazo curtíssimo, a polícia proclamará aos quatro ventos, a sua inocência, por falta de provas.

No entanto, quer-nos parecer que, pelo menos, em relação a um dos crimes de que são acusados agentes policiais, o inquérito não pode encerrar-se como se nos afirma que se pretende fazer.

Ora vejamos: Está provado que um preso, que era acompanhado por guardas policiais, foi por estes morto. Alegam os guardas que ele pretendia fugir mas não negam o homicídio. Portanto, o que se imporia logo, à face da lei, é que os autores do acto fossem presos e fossem julgados, não no julgamento se apurou se houve ou não responsabilidade criminal.

Para este caso não é o público que tem de dar testemunhas de que o preso Domingos Pereira não tentou fugir, mas os próprios autores do homicídio, para o justificarem, e essa justificação só pode realizar-se no julgamento. Porque o facto evidente de que se não pode fazer desvanecer é que, efectivamente, o preso Domingos Pereira foi morto a tiro pelos seus captores, ou por um deles. Se há para eles alguma derrota, são eles que têm de fazer a respectiva prova, perante o tribunal que os deveria julgar.

Quanto aos presos que se diz foram barbaramente espancados pela polícia, informava ontem o Mundo que devem ser sobre o assunto ouvidas duas das vítimas, os presos Miranda e Castanheira, que há pouco se encontravam na esquadra de Santa Marta e que seria conveniente ouvir também o dr. Costa Junior, senador, e que, na qualidade de médico, tratou um dos agredidos.

Ficamos esperando o resultado do inquérito feito à polícia pela polícia.

Será este um dos elementos para o inquérito a fazer um dia a este período de domínio das forças vivas e de perseguições ao operariado.

#### A REVOLTA NA CHINA

##### Estado de sítio em Xangai

XANGAI, 24.—O movimento xenofobo continua a apresentar-se grave em toda a China, aumentando de intensidade, financiado por agentes de Moscú.

Segundo dizem de Cantão, em novos distúrbios ali ocorridos, dirigidos contra os japoneses, foi morto um comissário da Alfândega e feridos dois outros subditos nipónicos.

Segundo notícias de origem japonesa, mais dois dos seus consulados na China foram assaltados e destruídos.

Tchang-Tso-Lin proclamou o estado de sítio em Xangai.

##### Agravou-se a situação em Cantão

CANTÃO, 24.—A situação agravou-se em Cantão e Amoy, tendo os consules estrangeiros pedido aos seus governos para enviar novos navios de guerra.

Quinhentas mulheres e crianças estrangeiras saíram de Shaoen com destino a Hong-Kong.

A nova resposta entregue aos representantes das potências em Pequim constata a existência dum desacordo irreconciliável

#### A Câmara Sindical do Trabalho dirige uma carta-aberta ao P. R. P.

A Câmara Sindical do Trabalho vai fazer distribuir profusamente por todo o país uma Carta Aberta ao Partido Republicano Português na qual se censura severamente a política de crime e de arbitrariedade que vem fazendo, contra o proletariado.

Para dar maior publicidade a esse importante documento transcrevemo-lo na íntegra:

Senhores!

A Câmara Sindical de Trabalho de Lisboa, ao dirigir-se ao P. R. P. e em especial ao seu Directório, fá-lo por reconhecer que no actual momento as Câmaras de Deputados, Senadores, Governo e tantíssimos outros organismos desta República são células apagadas e de nulo valor perante a supremacia que esse Directório exerce sobre os indivíduos ou organismos que têm a missão de defender os princípios contidos na Constituição Política da República Portuguesa, constituição que por nós foi feita e não bastas vezes por nós desrespeitada, não obstante ter sido o P. R. P. quem já por duas vezes tem pegado em armas, mas quando — e só quando — o desrespeito pelo Estatuto básico da República é em prejuízo dos seus filiados...

Assim, senhores democráticos, não existindo outrém a quem possa levantar o seu revoltado protesto, a C. S. T. de Lisboa, na qualidade de legítima representante do operariado desta cidade e arredores, vem junto de vós, não para pedir, esmolar ou mesmo reclamar, mas sim, no pleno uso que lhe assiste, protestar contra a mentira do rótulo que simboliza o vosso partido.

Senhores!

De há muito—desde 1910—que é notório o vosso rancor contra o operariado e seria fastidioso recordar toda a série de perseguições que o chamado partido democrático tem exercido contra os trabalhadores, para que numa longa e demorada exposição aqui se fizesse a estatística do que tem sido esse ódio, apenas interrompido quando as vítimas do P. R. P. tem de subir Monsanto, ou outros pontos em defesa da República.

Pois o P. R. P. ainda não satisfeito com o seu passado de rancores contra o operariado—e apesar de jactar-se de democrático—é ainda quem tenta militarista de 18 de Abril—deputar para a África, operários que indubitavelmente não são criminosos segundo as leis, visto que os tribunais ainda se não pronunciaram e consequentemente o P. R. P. colocou também à mercê da sua costumada Demagogia a independência do Poder Judicial.

Que alguns são acusados da prática de crimes comuns?

Que importa, visto que sobre esses—por ora supostos delinquentes—ainda se não deu carácter jurídico e como tal só depois de julgados poderiam ser deportados?

Após a deportação dos rurais de Odeira, ordenada por Sidónio Pais, alguém escreveu: «Seja quem for, por muitas estrelas que possa reunir na manga dum casaco, ninguém pôde sobrepor-se ao Poder Judicial e deportar quem quer que seja sem julgamento».

É preciso acentuar-se que esse gesto de Sidónio Pais teve a discordância do operariado, e até mesmo dos filiados do P. R. P. que também lá tinham na África os seus correligionários, mas hoje são estes que o praticam, esquecendo-se do que sofreram no desembarco, desembarco esse que não teria sido possível se não tivesse já existido a Demagogia Democrática!

Não compete à C. S. T. de Lisboa fazer distinções sobre a qualidade dos delinquentes de que são acusados os deportados das últimas leis. Que o faça quem para isso se julgue habilitado, pois não compete à C. S. T. de Lisboa administrar justiça, principalmente quando as vítimas aguardam as resoluções de quem de direito, mas no entanto esta Câmara para si destina bem aqueles a quem pode dedicar toda a solidariedade moral, material e jurídica, e isto com o governo de Pequim sobre a explicação da origem dos tumultos.

Combatente entre chineses e ingleses

CANTÃO, 24.—Um destacamento de soldados chineses atacou a concessão britânica, cuja guarda, constituída por marinheiros voluntários, repeliu o ataque depois de nutrido tiroteio. O número de assaltantes elevava-se a mais de um milhar.

Ficaram mortos um comerciante francês e um empregado britânico da Alfândega e feridos um marinheiro e dois civis.

Em Paris effectuam-se numerosas prisões

P. ARIS, 24.—Em consequência do assalto

nos precisos termos das notas que sobre o assunto e a propósito de delitos comuns, publicou na devida oportunidade.

Senhores!

Mas não fica por aqui o ódio do P. R. P. pelos princípios da Democracia, pois desta vez foi-se mais longe do que no Desembarco em matéria de autocratismo, não se contentando o partido democrático com as iníquas deportações sem julgamento. Foi-se mais longe, — porventura no cumprimento de ordens dadas pelas chamadas forças vivas — hoje, nas esquadras da polícia agredem-se presos a ponto de lhes fazer perder o uso das faculdades mentais, como sucedeu a um que se encontra no Manicócio Bombardeira e para cúmulo do desmoralismo desta República, levam os presos a passear pela calçada da noite para os sítios mais escuros e matam-nos como fizeram aos operários Diamantino da Anunciação e Domingos Pereira a pretexto de que fugiam quando a ambos se constatou que as balas entraram pelos peitos e ao segundo está provado que devido à sua doença de cegueira, era-lhe impossível fugir!

Que autoridade moral sobre aqueles que como vós, ainda não reprováveis estas violências, para condenar os actos da discuti da Legião Vermelha, a qual aliás esta Câmara ainda não defendeu?

Que princípio democrático é esse que entrega a qualquer polícia a função de executar uma sentença tão bárbara como é a pena de morte, sabido como ela está de há muito abolida em Portugal, em Portugal que aceitou os princípios da gloriosa Revolução Francesa que criou os Direitos do Homem?

Que Democracia é essa, Senhores do Directório, em que o vosso silêncio só serve para alimentar e para encorajar os que fizeram o 18 de Abril, para, vendo o operariado incompatibilizado com a República, num golpe decisivo levarem o pouco que resta de liberdades públicas e com elas o vosso partido — o que seria o menos — mas a própria República!

Senhores!

A Rua da Leva da Morte que perpetua os crimes do desembarco, já não tem direito a existir, porque o P. R. P. que se jacta de ser o extremo da esquerda, consentiu com o seu silêncio o banditismo de se assassinar presos indefesos, visto que o seu mais alto corpo directivo, ou seja o Directório, nada diz e muito «democraticamente» vai alimentando o estímulo para a prática de mais fuzilamentos, o que em matéria de demagogismo, de ódios e perseguições deixa a perder de vista os crimes que essa rua recorda!

Mas há mais, Senhores, porque ainda em matéria de democratismos, também o P. R. P. não respeita a Liberdade da Imprensa, especialmente quando a A Batalha, num legítimo uso da mesma liberdade, pretende tratar das barbaridades cometidas pela polícia e também o vosso Directório se cala e, consequentemente, consente.

Não é, pois, só em Espanha que governa um Directório. Cá também o Directório do P. R. P. exerce as mesmas funções que exerce o de Espanha, mas ao menos este é mais claro, apresenta-se tal qual é, enquanto que o do P. R. P. mascara toda a sua acção, com a taboleta do democratismos.

Senhores!

A C. S. T. de Lisboa protestará sempre até que esta situação termine e é a sua opinião que ao operariado — que combatu a tentativa reaccionária do 18 de Abril com aquele entusiasmo que sempre sabe pôr em todas as lutas pela Liberdade — não sucederia pior se esse movimento tivesse vencido, porque teria a seu lado depois os falsos democráticos armados em vítimas, aqueles que são hoje os piores carrascos, mas que protestariam logo que novos carrascos surgissem, dado que eles fossem as vítimas.

Viva a Liberdade! Abaixo o Partido Democrático!

À legação da China, a polícia effectuou numerosas prisões.

Já foram interrogados 180 chineses, 10 russos e 2 italianos.

Vão ser expulsos alguns agitadores estrangeiros.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Espancamentos a presos

Este Secretariado convide todos os operários ultimamente agredidos pela polícia, quando das suas prisões, a ir hoje e amanhã das 19 às 22, à sede deste organismo, a fim de depôr sobre as mesmas agressões e prestar os devidos esclarecimentos

#### Notas & Comentários

Os homens e os gatos

Um dos jogadores portugueses que tomou parte no «Portugal-Itália» foi detido horas antes de se realizar o desafio por ter desviado com um pontapé—arma fácil num fotobalista—num bicharoco que arremetera contra um cãozinho de sua pertença e estimação. O Rebate indigna-se porque ele tivesse sido mandado em paz, a fim de não ser prejudicado o desafio.

Lida assim, a correr, a indignação do Rebate, fica-se com a convicção que ele procedeu por sentimentalismo e talvez a pedir diploma de sócio honorário da Protectora dos Animais. Achamos simpática a obra de defesa dos animais inferiores, mas parece-nos que um gato não é inferior a um homem. Dai o estranharmos que o Rebate, que tanto se indigna com o pontapé num gato, não mostre a sua revolta quando a polícia espanca e assassina presos.

Dar-se-há o caso de ele, quando mais estimo os gatos mais detesta e despreza os que, sendo operários, não são filiados no partido democrático? Talvez. É que entre os gatos e os democráticos existe uma estreita afinidade: uns e outros são ingratos—magoam e arranham toda a gente. Somente uma coisa os distingue—é que os gatos contentam-se só com as espinhas.

#### Frágil envólucro

O sr. José do Vale indignou-se todo por esta frase de desalentada desilusão: «esta não é a república que sonhamos porque dentro dela se instalam os maiores inimigos da república. O sr. Vale está errado, confundiu tudo lamentavelmente. Temos ouvido muitas vezes essa frase e nunca a jesuítas, mas sempre aos idealistas que se não bateram na Rotunda para que o ex-monárquico Vitorino Godinho viesse a ser ministro do Interior. Os inimigos do regime não se instalam no envólucro demasiado frágil e nada rendoso dum frase de sincero desalento. Os inimigos do regime instalam-se de preferência—o sr. Godinho d'isso exemplo—no partido democrático. O próprio sr. José do Vale acaba, afinal, por reconhecer quando afirma que «a república nem sequer se limpa ainda de elementos que a emporcalham, agarrados a ela como marisco a casco dum navio».

#### Especulação sinistra

O sr. Ferreira do Amaral está zangado—imaginem os leitores, com quem?—fúribundo mesmo, com o sr. Alfredo Pimenta. Os conservadores monárquicos estão fazendo, à volta dum homem que está no hospital, uma especulação tão revoltante que ele, que até aqui se tem deixado adular, sorri-se de gozo e protesta. Protesta e diz que seria lógico que A Batalha especulasse com ele, e acentua que esse caso se não dá. Que quer tudo isto dizer? É difícil penetrar no espírito dum homem que pelo seu cargo, pela maneira como o exerce, pelos seus princípios e pelos seus processos é não declarado inimigo. Contudo, não é difícil discernir que, agora que o sr. Ferreira do Amaral possui tempo para raciocinar com calma, tem reflectido que tem sido instrumento de vários ódios, transformado em agente de provocações dos cobardes que se occultam por detrás da cortina.

O próprio Sécuro, com a sua subscrição para lhe oferecer uma espada, disfarça mal os seus objectivos sinistros. A oferta da qual a espada quer dizer muito simplesmente:

—Sr. Ferreira do Amaral, aqui tem uma espada de honra. Agora veja lá, não se esqueça de a tingir em sangue de revolucionários, desembarinhá-la sem recar praticar isso o que para si se chama crimes e oxalá que ela contribua para que o caso dos Olivais se repita muitas vezes por muitos anos e bons.

#### Para o inquérito...

Se a polícia quizesse de facto sindicat os seus actos devia saber—como realmente sabe—que se encontra incomunicável há 24 dias na esquadra de Santa Marta o operário José Abrantes Castanheira. Devia saber ainda que esse mesmo preso está expectorando sangue, em consequência das agressões que sofreu. Devia saber também que o preso Miranda se encontra ferido num braço devido às agressões sofridas. E devia saber, por fim, que vai tratar esses presos num enfermeiro do Hospital de Santa Marta. Mas como o inquérito é apenas uma farsa, a polícia que todas as barbaridades cometeu, todas as barbaridades ignora.

#### A Rússia e a Itália

MOSCÓVIA, 24. Os jornais demonstram a grande importância da próxima visita da esquadra italiana a Leningrado, deplorando que a esquadra inglesa o não tivesse feito durante o seu recente cruzeiro no Báltico.

#### A Liga dos Direitos do Homem dirige um apelo ao povo

A Liga dos Direitos do Homem, instituição nacional que tem por fim a defesa dos direitos individuais, até para decôr do poder, acompanhando a consciência dos homens que amam a liberdade, sente que o governo da República se tenha esquecido da sua razão de ser histórica e jurídica, em factos que têm alarmado a opinião pública. O poder só é legítimo quando realiza o bem geral que na ordem jurídica se objectiva pelo cumprimento das leis.

O indivíduo nas sociedades modernas é o maior valor e a mais intensa realidade do Estado. Quando o poder público luta contra os direitos individuais a si mesmo se condena.

A constituição da República, para estabelecer o prestígio do poder, garante ao indivíduo que é o cidadão na ordem social, o direito de não ser condenado sem o devido julgamento pelo poder judicial, o direito de inviolabilidade de domicílio, o direito de liberdade de pensamento, o direito de não ser condenado sem ser ouvido, o direito de defesa contraditória, o direito de associação, o direito à continuidade dos seus postos e o direito de condenar o poder público quando por formas capciosas ou iníquas desrespeite a lei que a todos obriga por igual, ao Estado como aos cidadãos.

Mas o Estado no momento actual é vivamente acusado de desrespeitar aqueles direitos. E o poder público, que é o poder do Estado, quando atinge tal fraqueza e tal deficiência, está prestes a subverter-se. Só é legítimo o poder na mão dos que assumem a função de governar, quando se realiza o bem geral. A falta de cumprimento da lei é a condenação formal dos agentes do poder.

No parlamento português já se fizeram alusões cruéis a factos muito graves que a Liga dos Direitos do Homem não pode deixar de condenar, como por este meio condena, elevando a sua voz no meio da consciência pública. Até onde resvalarem se a pressão da opinião pública não obriga os agentes do poder à cessão de tão graves abusos?

Têm sido deportados cidadãos contra os quais não se fez prova contenciosa de delinquência, e a condenação dum inocente só que seja, importa a exautoração do poder público. O valor do indivíduo e o respeito que lhe é devido é a maior e mais flagrante realidade social. Quando os indivíduos são calçados sem respeito pela sua integridade jurídica, não são eles os vencidos porque são os agentes do poder público que se suicidam. Tem-se invadido o domicílio, de noite, quando as garantias individuais não estão suspensas, só para postergar o decôr da lei, e portanto o decôr do poder.

Têm sido suspensos jornais que não foram condenados, tem-se feito uma censura ilegal e arbitrária à imprensa como se fora possível por arbitrio do poder público, aniquilar a expansão do pensamento humano, que é tanto mais invencível quanto mais é perseguido por agentes do Estado que se julgam onipotentes jesuítas de

que só a lei cumprida do bem geral lhes dá força e os justifica.

Tem-se desprezado as conquistas sociais de cidadãos honestos que ocupam na sociedade situações conquistadas legitimamente, só porque não pertencem a facções que vivem do depotismo. A Liga dos Direitos do Homem tem a necessidade de dizer à opinião pública estas cruéis verdades para que na hora de liquidação geral de responsabilidades a tudo e a todos se faça justiça, e a justiça que vem sempre depois dos abusos do poder será cruel mas é uma necessidade social. A nossa história demonstra que em Portugal como em todos os povos civilizados, o dinamismo social tende a estabelecer a harmonia que a iniquidade do poder público tende a perturbar. As maiores forças sociais não são as que se registam do lado do poder público, mesmo quando este se limite ao franco e claro cumprimento da lei, porque a lei social de renovação que vivifica as categorias sociais, tende a suprimir a debilidade dos mediocres e dos gregários para exaltar o maior valor jurídico que existe no indivíduo.

A Liga dos Direitos do Homem formulando o seu protesto contra a acção do poder público que desrespeita a lei, crê na renovação dos maiores valores sociais para o estabelecimento da justiça, que só ela justifica a continuidade da República.

A base jurídica e histórica da estabilidade do estado republicano está no respeito à lei que garante os direitos individuais, único fundamento sério dos direitos da colectividade. Se o poder público continuar a justificar mais ou menos sumariamente, sem culpa formada e sem a condenação contenciosa devida, cidadãos contra os quais nada se provou em oposição à lei; se continuarem a ser deportados, indivíduos não devidamente julgados; se continuar a ser violado caprichosamente o domicílio do cidadão; se continuar a censura à imprensa e a supressão de jornais, não estando as garantias suspensas; se continuar a ser calçado e desrespeitado o direito do pensamento e o direito de reunião; se continuar a acção administrativa, dos agentes do poder, a iludir com ficções jurídicas o direito dos cidadãos, com denegação de direitos justificados; se essa acção administrativa apenas servir para a realização do nepotismo sectário, a voz de todos os oprimidos será tão alta, tão justiciera e tão forte que abalará os frágeis fundamentos dum poder público que a si próprio se condena por faltar à sua função indeclinável de realizar o bem geral.

A Liga dos Direitos do Homem tem por este meio cumprido o seu dever, e vem numa hora grave da nossa história dizer aos oprimidos que a justiça não lhes faltará. O poder público a si próprio se condena quando se compraz em condenar os cidadãos sem respeito pela lei e pela moral. — Pelo Directório: Magalhães Lima, Luz de Almeida, A. Carlos de Lemos, Luís F. Estêvão da Silva, Fernando de Brédere, Agostinho Fortes, Carneiro de Moura, Ramos Paiva, A. Neves.

#### As odiosas deportações

Como elas continuam sendo apreciadas na imprensa

O Mundo de ontem pela pena do velho republicano sr. Mayer Garção, prossegue apreciando, severamente, a obra do neo-republicano Vitorino Godinho:

«Fala-se em nova leva de deportados para a Guiné, nas mesmas condições em que partiram as outras, isto é, sem nenhuma espécie de julgamento, sem mesmo haver uma descriminação escrupulosa entre os sacrificados, e como se rola depressa no caminho da arbitrariedade e da perseguição, leio num jornal que o antigo ministro da Traluitância, Luís de Magalhães, já deu claramente a entender que não estão satisfeitos, só com isso, ele e os monárquicos, seus correligionários. Querem mais, exigem mais desta República complacente, melhor direi, submissa. Reclamam que sejam também enviados para a Guiné os republicanos que mais têm sido honrados com a sua animadversão. É possível que esta exigência não seja desatendida. Basta-lhe ser monárquica para ter consideráveis probabilidades de êxito.

Não me surpreende essa manifestação das ardentes esperanças monárquicas. Não há dúvida que é tolo quem suponha não lhe poder cair o raio em casa, enquanto o vê cair somente no telhado do visinho. Em tudo quanto se revela a paixão do arbitrio, o desprezo pelo direito, a indiferença pela justiça, está latente uma ameaça contra todos os liberais.

Vejam-se a que contingências ficam sujeitos todos os cidadãos quando se consentem os primeiros passos ao arbitrio. Hoje são uns, amanhã são outros. Já se reclama que sejam enviados para a Guiné republicanos, como se fossem filiados da Legião Vermelha. Não basta aproveitar a ocasião para liquidar—porque uma tal deportação é uma condenação à morte—criaturas que podem professar ideias extremistas, mas que nunca auxiliaram ou aplaudiram a Legião Vermelha. Irá tudo o que não agrada aos pequenos despotas que entendem ser a República Portuguesa seu logradouro exclusivo. Acentuemo-lo com lealdade: no caso referente a França Borges a imprensa monárquica, com raras excepções, colocou-se ao lado do republicano infamemente perseguido. Colocava-se ao lado da inculpabilidade, do direito e da verdade. Como é triste ver hoje folhas que se dizem republicanas deixarem afrontar a Constituição, desprezar a lei e zombar da justiça, com uma indiferença que magoa ou com um aplauso que revolta! Se França Borges fosse vivo o que diria?

O dr. sr. José Domingues dos Santos concedeu à Voz Pública uma entrevista da qual recordamos as seguintes frisantes passagens:

—V. podia-me dizer o que pensa do ataque feito às suas afirmações pelo deputado Agatão Lança?

—Não respondendo aos disparates do sr. Lança — afirma num tom de quem não dá importância ao caso — não respondo...

—Mas a opinião pública...

—Sim, meu amigo... continua o dr. sr. José Domingues dos Santos que é também de palavras, com firme de convicções. Sim... compreende... se ele viesse discutir, afirmando a sua concordância com as deportações sem o menor respeito pela lei estava certo. Se ele viesse dizer, que era



legítimo matar um homem, mesmo que esse homem seja cego, discutia. Mas vir discutir o que se passou há quatro meses quando fui governado, não me merece a mais leve atenção, mesmo até por uma questão de orgulho.

—Mas diz-se que a situação política se pode ressentir, falando-se até numa scisão do P. R. P. ...

—Sobre isso nada sei, nem me importa. Tracerei o meu plano, e estou disposto a ir até ao fim!... Já o disse no Parlamento que estava disposto até em me oferecer para defender os deportados.

—Mas fala-se num inquérito... Não me basta... Não quero um inquérito familiar, nem tão pouco feito pela polícia.

—Quero um inquérito amplo e claro, de forma a que toda a gente saiba a verdade e possa depor livremente. Foi um atentado enorme contra a dignidade humana!

—E morra ele, morrerá a Democracia.

—Por isso entendo que todo o democrata e não democrático, no sentido em que a palavra é entre nós vulgarmente tomada, deve protestar contra o que se está passando.

—E a sua atitude para com o governo?

—E a mesma que manifestei no Parlamento. Não ataquerei o governo, porque julgo que não foi ele quem mandou matar ou bater. Mas se vir que ele não toma as urgentes e indispensáveis providências, estou disposto a colocar-me intransigentemente contra ele, afirma em tom enérgico. Se fosse no tempo da propagação, todo o país se levantaria!

## Sindicato Metalúrgico de Marinha Grande

A assembleia geral do Sindicato Unico Metalúrgico de Marinha Grande, em sua reunião celebrada no passado sábado, aprovou o envio do seguinte telegrama para o presidente da república e governo:

«Sindicato Metalúrgico Marinha Grande, reunido em assembleia protesta contra as deportações sem julgamento, considerando-as iníquas e inconstitucionais.—A Comissão Administrativa».

## Trabalhadores Rurais de Cano

A Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de Cano, reuniu extraordinariamente para apreciar o canibalismo da polícia com os espancamentos a presos, e a arbitrariedade do governo com as deportações de operários sem julgamento para a Guiné. Falarão vários sindicatos que exploram essas violências, tendo ficado resolvido o envio do seguinte telegrama ao presidente da república e governo:

«1.º Reclamar do governo a libertação dos operários presos sem culpa formada e regresso à metrópole dos deportados; 2.º Dar o seu apoio moral a qualquer movimento nacional que a C. G. T. leve a efeito».

## Associação dos Rurais de Souzel

No dia 20 reuniram os trabalhadores rurais de Souzel, na sua Associação de Classe, para apreciar as draconianas medidas do governo Vitorino Guimarães. Depois de demorada discussão foi aprovada uma moção que terminava assim:

«1.º Protestar contra a deportação da república contra as deportações para a Guiné de operários sem julgamento; 2.º Protestar contra os espancamentos a presos e contra as perseguições ao operariado; 3.º Protestar contra as apreensões do jornal A Batalha; 4.º Que seja enviado ao ministro da justiça as conclusões deste documento».

## Greve geral em Portimão

PORTIMÃO, 23.—A-pesar da paralisação em sinal de protesto, pelas deportações, ter sido ontem geral nesta cidade, não podemos deixar de registar o procedimento indigno de alguns cavalheiros que, fustigados pelas patranhas dos jornais burgueses *Século* e *Diário de Notícias*, largaram baboseiras a esmo sem repararem ao menos que o seu procedimento demonstra os sentimentos mais cruéis de que são possuídos. Mas nem só isto os coloca mal.

O que mais os avilta, é o facto de sempre terem procedido como inconscientes, mais do que isso, como irracionais que demonstram ser e não se lembrarem dos tempos que passaram em que uns se viam na miséria, outros foram escarnecidos pelos outros que pelo seu procedimento anterior, imoral e incorreto, nenhuma autoridade, absolutamente nenhuma têm, para falar mal de camaradas, que defendendo um ideal nobre e justo, têm defendido a-pesar de todos os perigos, os interesses e direitos de toda a humanidade escravizada, inclusive os destes pulhas que os insultam e maldizem.

Um encarregado qualquer do «Algarve VI», depois de ter saído a comissão que foi informar a tripulação, da declaração da greve atacou os operários de que despedira todos que aderissem ao movimento. Estranhámos esta assimina ameaça pois que em todos os trabalhos do Fialho a que pertence este pessoal, não foi pouco entrave à paralisação do trabalho. Ficou servido que exageraram no cumprimento dos seus deveres!

Aos chauffeurs marítimos foi requisitado uma gasolina para transportar para terra a filha do capitão dum navio que estava na barra, e que bastante doente necessitava de terra.

Esta classe que juntamente com a dos fragateiros e estivadores é bastante solidária, não querendo de forma alguma traír o movimento, reuniu imediatamente, deliberando enviar o gasolina por se tratar da salvação dum doente.

Casos como estes dignificam bastante quem os pratica e nós que sempre aprovamos actos de humanidade não podemos deixar passar este caso sem que manifestemos o nosso aplauso. Há pouco reprovamos o procedimento indigno de alguns indivíduos, agora exalamos o feito altruista que uma classe, bem unida, bem consciente dos seus direitos e deveres, põe em prática. Oh! quanto é justo, quanto é humano e grandioso, nobre e altruista o ideal que professamos!...—E.

## TEATRO NOVO

Realiza-se hoje a «Avant-première» da peça de Pirandello «Uma verdade para cada um» em que Gil Ferreira e Carlos de Oliveira interpretam os principais papeis.

E. Margarida de Almeida, recitará no fim do espectáculo várias poesias portuguesas e brasileiras.

## Universidade Popular Portuguesa

Uma sessão cinematográfica educativa na Associação dos Chauffeurs do Sul

A Universidade Popular Portuguesa promove na Associação dos Chauffeurs, no próximo sábado, uma sessão cinematográfica dedicada aos chauffeurs associados e suas famílias que tem entrada livre, exibindo-se alguns «filmes» com motivos educativos, entre eles a da fabricação de automóveis «Fiat» e outras que os «chauffeurs» muito interesse têm em conhecer.

Pelo dr. sr. Ferreira de Macedo, illustre secretário geral da Universidade Popular Portuguesa, será feita uma conferência educativa no intervalo.

A direcção da Associação de Classe dos Chauffeurs do Sul de Portugal convida os chauffeurs associados (que poderão fazer-se acompanhar de suas famílias), a assistir à referida sessão que principiará às 21 horas sendo somente necessária a apresentação da caderneta de associado.

As pessoas de família dos associados que por motivo de serviço não possam assistir à sessão, tem igualmente entrada livre desde que sejam portadores da caderneta de associados dos «chauffeurs» a que pertencem.

Havendo sido sensivelmente prejudicada, por motivo dos recentes acontecimentos políticos a marcha dos trabalhos da U. P. P., que durante a suspensão de garantias, interrompeu o seu labor educativo na sede e nas suas secções, e atendendo a que alguns dos conferentes estão retirando para fora de Lisboa, só para outubro poderá ter início a série de conferencias semanais sobre doutrinas político-sociais contemporâneas, cuja exposição está a cargo dos srs. José de Magalhães, Brito Camacho, Hipólito Raposo, Ramada Curto, Campos Lima, Sobral de Campos, D. Tomás de Vilhena e Manuel Gonçalves Vidal.

Por igual motivo só mais tarde poderão efectuar-se também as conferencias sobre viagens, cuja lista de expositores está quasi completa. No terceiro dia de arte, a realizar-se brevemente, cujos bilhetes de admisión continuam a ser distribuídos na sede da central, foma parte a distinta «disseuse» D. Margarida Lopes de Almeida.

Depois de amanhã effectua-se, no Sindicato dos Chauffeurs, a segunda sessão cinematográfica com o cinema portátil destinada às secções da U. P. P.

## CAMARA MUNICIPAL

### Nomenclatura de ruas

Em sessão ordinária reuniu ontem a Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa. Entre tomados as seguintes resoluções:

dr. sr. Alfredo Guizado propoz para que ao jardim do Aterro e à rua Vale Formoso de Baixo, na freguesia dos Olivais, passem a denominar-se respectivamente Jardim João Chagas, e rua João Chagas. Também o sr. Fernão Pires propoz para a parte da estrada de Sacavem, a partir da igreja de Arroios até ao limite desta freguesia se dê o nome de rua Alves Torgo, como homenagem às virtudes civis e acendrado amor à instrução popular deste egregio cidadão.

Ambas estas propostas ficam dependentes de resolução da Câmara.

### Mercados de São Bento e Santa Clara

No dia 8 de Junho do próximo ano devem passar para a Câmara os mercados de S. Bento e Santa Clara. Na condição quarta do contracto celebrado entre a Câmara e os respectivos concessionários ficaram estes obrigados a entregar aqueles mercados à Câmara, logo que a concessão terminasse, mas em bom estado de conservação. Em vista disto, pela 4.ª repartição, procedeu-se a uma vistoria aos ditos mercados, pela qual se reconheceu que, embora o estado deles não seja ruinoso, deixa muito a desejar, carecendo pinturas, limpeza, etc., e de serem demolidas umas barracas construídas interiormente pelos concessionários.

Em vista do exposto, o sr. Fernão Pires apresentou a seguinte proposta: «1.ª Que seja convidada a empresa concessionária dos mercados de São Bento e Santa Clara a proceder imediatamente às reparações dos respectivos edifícios de harmonia com o relatório apresentado pelos peritos que efectuaram a vistoria, devendo as obras ser concluídas antes de terminar a concessão. 2.ª Que findas as reparações se proceda a nova vistoria, para se verificar se foram cumpridas as indicações dos peritos expressas no seu relatório. Esta proposta foi aprovada por unanimidade».

## Desinteligências perigosas

Uma carta sobre o assunto

A propósito duma correspondência que publicamos há dias com o título «Desinteligências perigosas» de autoria do nosso correspondente de Faro, recebemos uma carta que gostosamente reproduzimos:

Sr. director de A Batalha.—Em homenagem à verdade, que v. por certo, também muito presa, venho informá-lo de que a notícia dada pelo vosso correspondente de Faro e inserta em A Batalha de hoje não é completamente verdadeira.

De facto, entre as duas corporações de bombeiros desta cidade existem dissidências graves, mas que não se me afiguram perigosas por os Voluntários terem resolvido que enquanto o conflito (que consiste, para os Voluntários, na maioria endinheirados comerciantes habituados a verem curvar-se toda a gente à sua onipotência, em ter autoridade... naturalmente garantida pela polícia, para mandar nos Municipais, corporação exclusivamente de proletários) não for assim solucionado não comparecerão nos incêndios, o que aliás não é indispensável por não terem pessoal em número suficiente e habilitado.

Não é, porém, verdade, que a rivalidade tenha suscitado conflitos que não tenham tido consequências de maior gravidade devido à prudência das pessoas que superintendem nestas instituições, porque pelo contrário, foram os superintendentes dos Voluntários quem originou o conflito e quem o ateia.

Sobre este assunto muito teria que dizer se não entendesse que A Batalha deve abster-se de se envolver nesta questão, dada a impossibilidade de, criteriosamente poder julgar a quem cabe justiça.

Agradecendo a publicação da presente deseja-lhe saúde.—Faro, 23 de Junho de 1925.—José Macedo.

## OS MAUS HÁBITOS

Dois polícias agrediram ontem a tiro um agente da P. S. E. por este os aconselhar a não atacarem, à sabrada, transeuntes pacíficos

Nunca caímos nem no erro nem na desumanidade de atacarmos a polícia só quando ela prende, agredir e mata operários. Os nossos protestos tinham uma maior amplitude: abrangiam toda a gente que fosse vítima das crueldades ou das arbitrariedades da polícia. Quem se der ao trabalho de folhear a coleção do nosso jornal encontrará muitas vezes formulados reparos enérgicos mesmo quando as arbitrariedades da polícia atingiram pessoas que nos eram claramente desafectas; colocamos-nos sempre dentro deste princípio de que jamais nos alastremos: a polícia não tem o direito de agredir, não possui o direito de matar...

Em todos os nossos protestos fizemos sempre notar o que havia de perigoso para a vida de toda a gente, o consignar à polícia o direito monstruoso de matar. Pessoas estúpidas e cruéis imaginando que só a classe operária era atingida encolheram os ombros indiferentes... O operário fez-se para desempenhar na sociedade moderna o incómodo papel de mártir sempre agravado, sempre torturado...

A razão estava, como era de prever, a nosso lado. Os próprios polícias são vítimas do instinto homicida desenvolvido na corporação: um enlouqueceu, tentando matar a tiro um enfermeiro, outros tem-se entregado à humanitária tarefa de se suicidarem... Na manhã de ontem deu-se mais um caso desses: um polícia foi vítima da ferocidade de dois colegas seus.

Eis como o caso se passou, consoante o relato feito pela vítima: o agente de informação da P. S. E., João Martins de Lemos que um jornal da noite ontem arquivou: Os guardas 1278 e 1373 estiveram à noite de serviço naqueles festejos da Praça da Figueira. Ao acabar o serviço, quasi manhã, raparam dos sabres e—abrigo da impunidade que bafeja a polícia—dedicaram-se a «fraternas» tarefas de agredir toda a gente que casualmente passava por eles. Os agredidos, é claro, não tiveram outro

remédio senão apanharem e calar-se por que em caso de protestos era bom não esquecer que a distância que vai da Praça da Figueira à Morgue é singularmente encurtada pela ferocidade de dois polícias...

Os dois guardas por fim entraram na padaria da rua de Santa Justa, 29, pertencente à Portugal e Colónias, e interrogaram desabridamente:

—Quem manda aqui nesta padaria?

E voltando-se para o fiscal gritaram: «Têm que nos dar pão».

A empregada vendo que o fiscal accedia recuso dos guardas, replicou que só tinha pão duro. Por fim depois de terem dito que só aceitavam pão fresco, pegaram nalguns pães duros e antes de se retirarem proferiram esta singular ameaça:

«O que isto precisava era uma bomba que arrasasse tudo duma vez. E talvez seja muito breve».

Depois desta scena o agente da P. S. E. João Martins de Lemos foi ter com os dois guardas e disse-lhes que não era bom andarem, sem motivo, agredindo toda a gente. A guisa de resposta os guardas deram-lhe sabradas. O agente mostrou o seu cartão de identidade o que lhe valeu ser insultado e novamente agredido. Então, para se defender puxou da pistola mas os guardas agarraram-no, metendo-lhe o cano da pistola na boca e deram em seguida ao gatilho e o agente caiu por terra, esvaindo-se em sangue.

Os guardas fizeram aos seus superiores a nota da ocorrência torcendo, como o costumam fazer, toda a verdade, afirmando que o agente os agrediu a tiro e que supondo tê-lo atingido, tentou suicidar-se disparando um tiro na boca.

Um inquérito foi já ordenado apressadamente. Não se trata de operários se bem que o inquérito não passe dum velhacaria, como seria fácil demonstrar. Resta saber se serão inquiridas as pessoas a quem os guardas agrediram com os sabres...

## A guerra de Marrocos

Os rifenhos continuam atacando

TANGER, 24.—Os rifenhos têm intensificado os seus ataques contra as linhas francesas.

Abd-el-Krim fez encerrar numa prisão 12 caides por não resistirem devidamente durante os combates.

## SÃO LUIZ

Novamente esgotou ontem a lotação, este teatro, com a alegre bluette, «Chic-Chic», na qual há lindos números, de uma comédia irresistível, interpretados admiravelmente por Amélia Pereira e J. Almeida.

## VIDA ANARQUISTA

Grupo Terra Livre.—Reúne hoje, pelas 21 horas.

## AGREMIações VARIAS

Caixa Económica Operária.—Em 2.ª convocação reúne hoje, pelas 20,30 horas a assembleia geral para continuação de reforma dos estatutos.

## OS QUE MORREM

Faleceu ontem, pelas 4 horas Teresa de Jesus Moraes, esposa de Manuel da Silva Tinoço, realizando-se o seu funeral hoje, às 15 horas, da R. Santo António da Glória, 5, rjc., para o Cemitério do Lumiar.

### TARDE TIVOLI

AS 3 TELEFONE N. 5474

A SALA MAIS AREJADA DE LISBOA

### SOMBRAS QUE PASSAM

Comédia dramática em 8 partes

Um dos «filmes» mais curiosos da moderna cinematografia com Moussourine e Tatália Bissenco

### AS FONTES DE ROMA

Admirável panorâmica

DUAS CINE COMEDIAS

O MELHOR PROGRAMA DO MOMENTO

### NOITE

AS 8

### TEATRO NOVO NO PALACIO TIVOLI

## HOJE

REALIZA-SE

A

AVANT-PREMIERE

da peça do escritor PIRANDELLO

### UMA VERDADE PARA CADA UM

Encenação de GIL FERREIRA

### EDEN TEATRO

HOJE—às 21,30 (9 1/2 da noite)—ESPECTACULO INTEIRO

Pr.ª representação

da revista em 2 actos e 18 quadros de André Brun, com música dos maestros Nicolino Milano e Alves Coelho

### A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

Direcção artística e Encenação de Henrique Sant'Ana

Direcção musical de Alves Coelho

SCENÁRIOS NOVOS de Pina e Oliveira (1.º, 2.º, 3.º, 5.º e 16.º quadros);

Reinaldo Martins (4.º e 6.º) Ed. Reis (7.º, 8.º e 9.º); Renda, Serra e Amândio (10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º e 15.º); Salvador (17.º e 18.º).—Guarda roupa, também novo, do prof. de indumentária Castelo Branco e da Empresa de Materiais de Teatro

NUMEROSISSIMO «ELENCO» ARTISTICO, CORPO GERAL E DE BAILE

figurando neste os bailarinos GYNETT e ADELPHI

Os bilhetes marcados devem ser reclamados até hoje às 16 horas (4 da tarde)

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### Teatro de São Carlos

A peça de Pirandello «Cada qual su manera»

Público muito especial o que foi a São Carlos ver a famosa peça de Pirandello «Cada qual su manera» que os espanhóis traduziram para «Cada qual su manera» e assim Mimi Agulha fez representar. Nenhum dos títulos me satisfaz, nem o espanhol, nem o italiano. Pelo que a peça me sugeri trata-se da maneira de ser ou do pensar de cada um, variável de pessoa para pessoa, e variável até, e talvez principalmente, dentro de cada indivíduo.

São dois actos e dois «intermezzos», de teatro filosófico que tanto pode ser lido como ouvido, talvez melhor ainda lido, do que escutado. Pirandello põe numa acção paralela o drama que se passa no palco e a sensibilidade e a percepção do espectador. O conflito que a scena dá se não tem uma solução, tem pelo menos uma concepção mais certa da parte do público, que cotejando a obra do dramaturgo e a verdade da vida, se manifesta com a sua indecisão de critério, dando razão ao dramaturgo e justificando suficientemente a doutrina da instabilidade de pensar, e de proceder.

O sentimento vulgar, é o que anda mais arredado deste embate cerebral com que Pirandello consegue apanhar a atenção do espectador, provocando as discussões, acendendo as divergências ao ponto de fazer entrar na peça o próprio espectador, que, como ele, não chega a uma conclusão, não assenta numa verdade, não define uma atitude. Foi esta impressão que nos deu a assistência. Até a peça sofreu divergência, quanto a sua classificação que (tanto pode ser de drama, como de comedia. O «Domingo Ilustrado», que anda na maré dos inquéritos, procederia bem se abrisse um que contivesse a opinião dos nossos dramaturgos e críticos. Pirandello não resolve os problemas, anuncia-os, debate-os e deixa a quem o ouve ou lê a faculdade da conclusão. O que nesta peça de Pirandello se manifesta, mais do que em qualquer outra da sua autoria, é a acrobacia filosófica, é a dinâmica das frases, é a gymnastica dos pensamentos. O que fica? O que está certo? Nem Pirandello o sabe! Ele mesmo o dá a entender.

E' claro que estas considerações, fazemos para a parte do público que sabe ler e percebe o que lê, porque, para a outra, que foi a São Carlos pela curiosidade só lhe resta continuar sem perceber coisa alguma, mas fingindo que percebe, quando se mantém em silêncio, como agora succedeu, evitando até com um «shiu», que se dessem palmas. Como se a «duvida» de Pirandello, não fosse a de todos nós...

Optimo desempenho. O de La Somera o melhor de todos

\*\*\*

«La cabeça de Bautista» é um episódio de faca e alguidar, sem nada dentro. O que seria dele se não fosse a interpretação de Mimi Agulha, Gomez de la Vega e a Somera?

NOGUEIRA DE BRITO

### Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

Sindicato de Guimarães.—Recebemos officio. Enviem mais pormenores e credencial pedida.

Sindicato de Coimbra.—Digam algo sobre a questão da Penitenciária.

Biblioteca dos Metalúrgicos

Registamos com agrado que a biblioteca do Sindicato Unico Metalúrgico continua a ser muito frequentada.

### Linha Férrea Extremoz-Castelo de Vide

Novos atropelos dos capatazes da construção

EXTREMOZ, 20.—Continuam na ordem do dia os atropelos cometidos pelos capatazes da construção da linha férrea que ligará Extremoz a Castelo de Vide. No dia 12 foi o pagamento o ordenado do mês de Maio. O operário João Augusto que trabalhava na máquina 42 recebeu apenas 11\$00, quando aos seus colegas lhes foi pago a razão de 12\$00. O lesado reclamou e o capataz Manuel de Sousa, como resposta, respondeu-lhe que era esse o seu ordenado.

A-pesar-de haverem outros operários prejudicados, estes servilmente se conformaram o que veio ainda reforçar os atropelos daquele capataz. O João Augusto é que não se calou e reclamou junto do capataz geral Pires. Este ameaçou-o com a prisão se não se calasse. Nada o amedrontou. E, ao fim de alguma persistência conseguiu finalmente que lhe fosse pago a jorna de 12\$00 como succedeu aos seus colegas.

Triunfu, triunfu o nosso camarada. Mas esse triunfo custou-lhe o despedimento que vem de consumar-se.

Ora aqui está como a consciência dum homem se consegue impôr, a-pesar-da subserviência dos seus colegas.

Que sirva ao menos de lição este facto.

—E.

Teatro São Luiz

HOJE

Artístico espectáculo

COM A GRACIOSA E COM A «BLUETTE»

Chic-chic

Música cheia de colorido

Brilhantes scenários

## Ultimas notícias

### A greve de protesto em Coimbra

COIMBRA, 24.—A greve geral votada para ontem 23, se não teve a sua volta aquela grandiosa manifestação da massa operária, no sentido estrito de greve geral, pelo menos o proletariado consciente cumpriu o seu dever não comparecendo ao trabalho. E' certo que as proclamações marcaram a greve a começar às 6 horas da manhã, no entanto, por equívoco, ela começou a ter execução a partir das 6 da tarde. Porém uma parte do proletariado não trabalhou logo desde manhã.

O movimento grevista que a muita gente surpreende, a princípio não era acreditado — à tarde porém quando alguns operários entre os quais se encontravam manipuladores de pó começaram a passear pela cidade e as comissões actuavam num sentido de maior largueza da greve a dúvida desvanecia. E, até as próprias autoridades, que não tinham recebido comunicação de alteração de ordem, pois a greve conduzia-se nobremente, só pela tarde ordenaram o patrulhamento das ruas por praças da O. N. R., a pé e a cavalo.

O que é certo porém é que tais providências eram escusadas — e até muito menos o terem sido rasgadas a sabre «navieiros» proclamações da greve afixadas pelas paredes.

A greve estava lançada e já ninguém a podia deter; entretanto, a polícia favejava, no intuito de «prestar serviço» e de asfixiar o movimento.

### Um episódio

Já próximo da noite um camarada atravessava o largo de Sãosão, levando um volume cilíndrico envolto em jornais. «Será uma bomba?» pensou um cabo — e logo vá de seguir atrás desse camarada. Porém tendo este parado e respondido a uma pergunta (se trazia o gazómetro) que sim, o polícia hesitou, deu mais uns passos, e... desistiu.

As padarias, especialmente a «Panificação», têm sido guardadas pela G. N. R. Porém nada de anormal tem havido.

A paralisação, pelo número de operários que nela tomaram parte, foi, sobretudo, uma afirmação de rebeldia digna de registar, e, da existência de uma minoria consciente que pensa e tem ideias nobres.—C.

## DESPORTOS

Homenagem ao «Onze Nacional» e a Ribeiro dos Reis

Promovida pelo «Os Sports» está sendo organizada uma subscrição pública para a compra de uma medalha de ouro para oferecer a Ribeiro dos Reis, treinador da equipe nacional, em homenagem aos seus méritos. Essa medalha, ser-lhe-á oferecida na noite da festa a realizar no Teatro de São Luiz, em dia ainda não designado, em honra do «Onze» que bateu a selecção de Itália, e pelo que se deixa antever terá uma certa grandiosidade.

Para esse festival anuncia-se já, como do programa, uma conferencia humorística, em verso, do poeta António Carneiro (João Fernandes) e uma saudação, também em verso, um hino de vitória ao «Onze Nacional», do nosso colega Artur Inês.

Um novo campo de jogos, do Jockey Club

Ha dias, por convite especial da Empresa Nacional Desportiva, tivemos o ensejo de apreciar as excelentes instalações de um novo campo para jogos, ao ar livre, no chamado bairro Europa, optimo terreno para o efeito, situado no Campo Grande, com uma bela entrada, do lado sul, frente ao lago grande do Parque.

Dispõe de uma boa pista para corridas de cavalos, já pronta com 1.600 metros de perimetro e 30 de largo; de campo próprio para concursos hípicas, de obstáculos, outro para jogo do polo, andando já em treinos uma equipe constituída por novos e arrojados cavaleiros, que dentro em pouco (proporcionarão) o ensejo de satisfazer a nossa curiosidade, por esse ramo de desporto, ainda por cultivar entre nós.

Activa-se, um grande esforço, a construção do campo para futebol e pista para desportos atléticos, com bancadas próprias para assistência a estas provas, com comodidades para o público, em condições ainda não alcançadas por outras instalações conhecidas.

Em cimento armado, mas com um cunho artistico e elegante, estão-se construindo também as tribunas que dominam todo o campo, mas que especialmente se destinam para presenciar as corridas de cavalos, que, com o concurso de corredores estrangeiros, devem ser inauguradas no próximo dia 27. No domingo conta-se já effectuar, também, os dois primeiros encontros de futebol entre quatro grupos da primeira divisão, constantes do programa das provas de preparação olimpica organizadas pelo Comité Olímpico Português, e, no dia 2, a inauguração da pista para desportos atléticos, que circunda o campo de futebol, numa magnifica disposição, estando a direcção técnica da sua construção confiada ao engenheiro sr. Correa Leal.

Vêm-se em construção, também, um grande depósito para água, que servirá para regar as pistas, estando já feita a canalização respectiva em todo o campo, de forma a observarem-se bocas de rega distancias 50 metros umas das outras e mais instalações, como tribunas destinadas para os sócios, bufeles, amodações para os cavalos, que tomam parte nas provas, etc. Pensa-se na instalação de dois «courts» para «tennis» e de uma piscina para provas de natação e «water-polo».

Enfim, maravilhou-nos a grandiosidade da obra, a excelência do campo, pela sua extensão em linha recta, sem sinuosidades que prejudicam as sobejas instalações que, uma vez concluídas, em nada ficam inferiores a de que bom já no estrangeiro. Estamos convencidos que o Jockey Club, uma vez que os seus nobres intuitos não são meramente especulativos antes o impulso o desenvolvimento do desporto e o da educação física, segundo as declarações que amavelmente nos foram feitas pelo seu director sr. Rui de Andrade, dispõe as coisas de maneira a permitir que as classes populares tenham fácil acesso e comodidades correspondentes, de modo a que, dentro dos seus recursos, possam facilmente acorrer a presenciar as várias provas desportivas já em si muito salutares e sobretudo higiénicas, como todas as diversões ao ar livre.



Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE JUNHO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 5,12
S.	6	13	20	27	Desaparece às 20,05
D.	7	14	21	28	FASES DA LUA
S.	1	8	15	22	Q. C. dia 1.25 8,13
T.	2	9	16	23	L. C. " 9. 3,33
Q.	3	10	17	24	Q. M. " 23. 23,40
					L. N. " 23. 2,25

MARES DE HOJE

Pratamar às 5,20 e às 5,37  
Baixamar às 10,50 e às 11,07

ESPECTACULOS

TEATROS

Est. Lus. - A's 21 - "Chic-Chic. Variedades por Amália de Isaura.

Teatro Novo - A's 21 - "O mundo é assim" - Os autores dos meus dias.

Joaquim de Almeida - A's 21 - "A Rosa Enfeitada" - Teatro Novo - A's 21 - "Uma verdade para cada um."

Eden - A's 21 - "A cidade onde a gente se aborrece."

Maria Vitória - A's 20,50 e 22,15 - "Rataplan."

Juvenia - A's 21,50 - "Irmãos" e "A Glória."

Feliciana e Olimpia - A's 21,50 e 20,50 - (Anima-tógrafo) - "Keano."

Teatro - Desde as 20,50 - Animatógrafo.

Santo Yoy - A's 20,50 - Variedades.

Iluminado (a Gracia) - A's 20 - Animatógrafo.

Trenda Parque - Todas as noites - Concertos e di-versões.

CINEMAS

Cinéma - Chado Terras - Salto Central - Cinéma Condes - Salto Ideal - Salto Lisboa - Sociedade Pro-moção - Educação Popular - Cine Paris - Cine Es-terea - Chantecler - Liveli - Tortoise.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como todas as de a nicas, tubos, moles, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55 e quiosque.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata e a casa que fornece em melhores con-dições.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se com-pram em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas marca "Touro" da En-MARCAS REGISTRADAS presa de Limas União Touro fabricadas em Portugal com a qualidade com as melhores limas do mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabele-cimentos de ferragem da pátria.

A PRESTAÇÕES

Fatos e Sobretudos no rigor da moda - RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 35, 2.º

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, científicas, profissionais e artísticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, cartões e livros de escultura, mapas de escultura, mapas de decoração de colas e de materiais para Sindicatos, Cooperativas, Comunas, Juventudes, etc.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e estacionário, sempre nos preços mais baixos do mercado.

Grande obra de Vitor Hugo, "OS MISÉRÉCORDIAS", ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescenta-se 300 de porte o embalagem para a princi-pal.

Sempre novos artigos e novidades literá-rias.

Joaquim Cardoso  
Rua dos Poiais de São Bento,  
27 e 29  
LISBOA

Pedras para isqueiros

nos quios, nos melhores e nos centos. Tubos, todos, puros, fundos e moles de aço, tudo que é preciso para fazer isqueiros. Vende em grandes quantidades nos melhores preços para revenda.

A melhor pedra para isqueiros (Qualidade garantida)  
DÚZIA \$50  
Pedidos a CARLOS A. SANTOS  
Rua do Arsenal, n.º 61 - Lisboa

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria  
CLÍNICA MÉDICA  
Consultório: Travessa Nova de S. Domingos, 61 (Rua do Amparo)  
Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Lu-ciano Cordeiro)

Conhece o vosso país

TODOS DEVEM possuir o magnífico "Mapa de Portugal e Guia de Turismo", o mais completo e atual em cidades, vilas, aldeias, rios, montes, etc. Preço Esc. 20,50, pelo correio Esc. 20,50. Pedidos a Li-vraria Popular de Francisco Franco - 36, T. S. De-mingos, 34.

CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.º  
TELEFONE C. 4186

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

Caminhos de Ferro Portugueses

Divisão do Material e Tracção

Concurso para a venda de serradura

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses aceita até ao dia 29 do corrente, propostas para a compra de serradura produzida nas suas oficinas.

As condições deste concurso estão paten-tes na Repartição dos Armazéns da Divisão de Material e Tracção todos os dias úteis das 10 às 13 e das 15 às 17 horas.

Lisboa, 18 de Junho de 1925.-O Director Geral da Companhia, (a) G. de Melo.

Ourivesaria e Joalheria

Santos Catita, Lda.  
R. da Boavista, 22 - R. Eugénio dos Santos, 44

Grande sortido em objectos de ouro e prata para brindes

JOIAS E PEDRAS FINAS  
Relógios das melhores marcas de ouro, prata e aço

Compra por alto preço: ouro, prata, moedas e joias

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS

- Eliseu Reclus - Anarquia e a igreja 1500
- Gonçalves Correia - A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura 500
- José Prat - A burguezia e o proletariado 500
- Contant - Contra o confucionismo 500
- Alfredo Neves Dias - Razão (poema-to social) 300
- Landauer - Social Democracia 300
- R. Mala - O principio do fim 300
- \*\*\* A maçonaria e o proletariado 300
- J. Mehl - Peste religiosa 500
- I. Rio 1500
- Trovas da noite 1500
- Definições sociais 500
- Contos dum revoltado 1500
- Roberto o Pescador 1500
- \*\*\* Carnet de Pensamento 200
- J. Bakunine - No sentido em que so-mos anarquista 500
- Chueca - Como não ser anarquista 500
- B. Lazare - A Liberdade 500
- J. Etrevant - A minha deusa 500
- Kropotkin 1500
- A mocidade 500
- Os bastiões da guerra 500
- Moral anarquista 500
- J. Guedes - Lei dos Salários 500
- Briand - A greve geral 500
- Roland - Rússia Nova 500
- \*\*\* O sindicalismo e os intelectuais 500
- O. Carvalho - A gestão sindical no período revolucionário 500
- A. Hamon - A crise do socialismo 1500
- J. Santos - A transformação da so-ciedade 500
- Neno Vasco 300
- Georgicas 1500
- Greve de inquilinos, teatro 300
- Domela - Patria e Humanidade 300
- \*\*\* Proletariado Histórico 1500

REVISTAS

Escola Nova, da Ass. dos Profes-sores de Portugal 500

La Revista Blanca em espanhol 1500

Renovação, vários sultos a 1500

EM ESPANHOL

Rodolfo Rocher

Artistas y Rebeldes 1300

Bolshevismo y anarquismo 1500

\*\*\* La Cris del anarquismo 1500

José Torralvo - La Revolucion 1500

Lelio O. Zeno - Problemas universi-tários 2500

La Revista Blanca - Arte, Ciência e Literatura, Cada número 2500

Serviço de livreria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Romance original de Mérimée, tradução de Sam. Meyer, 1 vo-lume de 56 páginas 6500

Traduzido do original polaco de Nierojewski por B. Kuhl, com um prefácio de Antoni Gra-bowski, 1 volume 5300

Solos de propaganda esperanta

Muito artisticos, a oito cores e oito motivos, os nossos prin-cipalmentes, altamente im-pressos. Cada colecção de oito 25

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

Anilinas Jacobus

As melhores para tingir em casa toda a qualidade de tecidos - Cores garantidas - Vendem-se em toda a parte

IMPOTÊNCIA

Comprimidos de cloridrato de yohimbina quimicamente pura do dr. R. Wolff - Berlin

Medicamento precioso, sempre que seja necessário tonificar o aparelho genital. Não tem suce-dâneos. Os seus efeitos são garantidos, não tendo os inconvenientes de tantas outras substâncias indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumulam no organismo e não produzem efeitos secundários nos rins.

Resultados garantidos para ambos os sexos. Numerosas confirmações individuais o atestam, assim como atestados médicos. Não confundir este produto com outros similares.

Envia-se oculto - Preço: 17500; pelo correio, 18500

Nº vende no Agente e Depositário geral para Portugal e Colónias

Fernando da Silva

188, Rua da Madalena, 190 e nas seguintes farmácias:

A VENDA SO NESTAS CASAS

EM LISBOA: A. MARINHO, LIMIT.ª, R. Eugénio dos Santos, 86 a 90 - Farmácia PORTUGAL, Lda. - Rua Augusta, 218

NO PORTO: Farmácia Central de SALGADO LENCART, R. 31 de Janeiro, 203

MATERIAL ELÉCTRICO

PÁRA RAIOS, TELEFONES E CAMPAINHAS

MONTAGENS E REPARAÇÕES FORÇA MOTRIZ

TELEFONE C. 5420

LOPES & VALÉRIO, L.ª

(ELECTRICITY) ABAT-JOURS EM ARAME

Rua Nova do Almada, 16 LISBOA

SABONETES JACOBUS

SOCIEDADE DE PRODUTOS QUÍMICOS, LIMITADA

CAMPO DAS CEBOLAS, 43, 1.º - LISBOA

A SAIR POR ESTES DIAS

7.ª Série

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profu-samente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500.

Obra mais barata que no género se publica

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A

TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA ga-rante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 imedia-tamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MEN-SAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famí-lias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

Sede -- Rua Garrett, 95 LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

IMPORTANTE: Mediante um ligeiro sobre-prêmio, A MUNDIAL por-vos-há ao abrigo da

DOENÇA E INVALIDEZ

PÓ RODRIGUES

O melhor INSECTICIDA para a destruição de pulgas, percevejos, baratas, formigas, etc.

A VENDA em todas as Drograrias, Mercarias e lojas de Ferragens

UNICOS DEPOSITARIOS EM PORTUGAL: SALVADOR BARATA, L.ª - 19-A, Rua das Gaivotas, 19-C - LISBOA

FABRICANTES DOS ALVAIADES MARCA "GAIVOTA"

Agentes no Porto - Sociedade de Produtos Químicos, Lda. - Rua 31 de Janeiro, 171, 1.º nas Ilhas JOÃO GOMES - FUNCHAL

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metal, cutelarias, talheres, Louça esmaltada, parafusos, fun-dos para cadeiras, - guarnições para móveis -

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO AMPARO, 86 - LISBOA - TELEFONE 3930, N.º 1 gramas, FERRAGENS

Esmaltes belgas "Le Tigre"

Secam numa hora. São os mais baratos! Ir nunca nas boas drograrias. Depósito por atacado: Sociedade de Produtos Quí-micos, Limitada - Campo das Cebolas, 43, 1.º - LISBOA.

USEM

Fabricação privilegiada em Portugal

SABÃO X

Em pasta para lavagens com ou sem água

Limpa instantaneamente

Cristais, Louças. Espe-lhos-Paredes e as mãos mesmo sujas de tintas, óleos, gorduras, verni-zes, etc.

BOM, ECONOMICO, PRATICO

LIQUEITO E PERFUMADO PARA LIMPEZA DE METAIS E TALHERES

PRODUTO FABRICADO EM PORTUGAL E SUPERIOR AOS MELHORES ESTRANGEIROS

A venda em todas as boas dro-garias e casas do género

DEPOSITARIOS GERAIS: Comptoir Commercial Portugais Lt.ª

Rocio 93, 2.º

TELEF. N.º 4829

ACEITAM-SE AGENTES NA PROVINCIA

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Serviço de Secretaria

Liquidação de contas - Processo n.º 441

Editos de 30 dias

Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos da Carta de Lei de 24 de Agosto de 1843 e Decreto de 5 de Dezembro de 1910, a contar da última publicação deste anúncio no Diário do Governo, citando tó-das as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou parte da quantia de 120\$23, (cento e vinte e nove escudos e vinte e três centavos), relativa à liquidação das contas deixadas pelo praticante de es-tação, José Feliciano Baião, falecido em 11 de Março de 1925 e a cuja quantia se habi-litaram seus pais José Baião Franco e Maria na Baptista Baião, como seus legítimos her-deiros.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 22 de Junho de 1925.-O Secretário da Direcção, Jaime Rocha.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

compreendido de pessoa alguma e continuou em voz alta: - Oh! meu filho, que estás tu aí a choramingar, meu rapaz?... Dizem que o nosso bom senhor te perdoará a falta, logo que tenhas repetido as palavras que te ensinam; vamos dizer as tais palavras!

Mazurek levantou-se, com o rosto banhado de lá-grimas, desilava-lhe nos lábios um sorriso de conde-nado, e repetiu as palavras depois do notário as ter proferido pela segunda vez:

- Senhor, arrependo-me de ter querido maligna-mente opôr-me a que usasse do seu direito de primi-cias... em minha mulher.

- E arrependo-me, senhor, proseguiu o notário, en-trego-me humildemente à sua mercê e misericórdia...

- E arrependo-me, senhor, articulou penosamente Mazurek com voz enfraquecida, entrego-me à sua mer-cê e misericórdia...

- Assim seja, disse o senhor de Nointel com altivez e modos escarneceadores, concedo-te mercê e miseri-córdia, mas só terás a liberdade quando houveres sa-tisfeito ao duelo judiciário a que foste citado pelo nosso hóspede Gerardo de Chaumontel, homem nobre a quem ultrajaste chamando-lhe ladrão.

Depois, dirigiu-se a um dos escudeiros: - Que vi-giem este aldeão até à hora do torneio, e que entre-guem a filha ao pai. - E o senhor de Nointel, dirigin-do-se para a porta da igreja com os seus amigos, disse a rir: - A lição ficará sendo boa para Tiago Bonhom-me. Não sabem, meus senhores, que o tal estúpido começa a arrebitar as orelhas e a rebelar-se contra os nossos direitos; posto que ela não fosse feia, eu im-portava-me bem pouco com a mulher daquele aldeão; mas era mister provar aquela plebe e rústica canalha que nós somos senhores dela em corpo e alma; por isso, meus senhores, não nos esqueçamos nunca do provérbio:

«Para vilão pau na mão.» E dito isto, vamos ouvir a santa missa; os senhores me dirão se Glorianda de Chivry, minha noiva, que vão admirar no meu banco senhorial, não é um astro de beleza.

- Feliz Conrado! disse Gerardo de Chaumontel, o cavaleiro ladrão, uma noiva linda como os astros, e de mais a mais uma rica herdeira deste país por que, depois da morte do conde de Chivry o senhorio dos seus bens por falta de herdeiro vão vir a pertencer-lhe, Ah! Conrado! que dias tecidos de ouro e de seda tu farás, graças à opulenta roca de Glorianda de Chivry que vais possuir!

No momento em que os senhores conversando aca-bavam de entrar na igreja, Mazurek, preso e guardado à vista desaparecia pela abobada, e um homem do se-nhor de Nointel ia buscar Avelina que runca mentiu. Tinha desoito anos quando muito, e a pesar da sua palidez, e da amargura das suas feições era duma be-leza encantadora. Andava a passos contados, e vestia ainda o seu traje nupcial de grosso pano de linho, os cabelos espargidos cobriam-lhe metade das costas; nos braços magoados ainda se lhe viam sinais dos grilhões com que rigorosamente lhos tinham apertado, porque naquela mesma noite, a fim de triunfar da resistência desesperada da sua vítima, o senhor de Nointel tinha-a amarrado.

Oprimida de vergonha só se pôde pensar que se dava em espectáculo à multidão, Avelina, desde que tinha entrado no adro, fechára os olhos por um movimento involuntário; mas, ao grito cruel que Mazurek soltou ela tremeu convulsivamente, e os seus olhos se encon-traram com os de seu marido, nas feições do qual se pintavam ao mesmo tempo um amor apaixonado e uma espécie de repulsa dolorosa mistura de ferozes ciu-mes que recrudescia em Mazurek pela lembrança do ultraje que sua mulher tinha sofrido. Este último sen-timento trau-se por um movimento involuntário do infeliz que fugindo ao olhar suplicante de Avelina, fez um gesto de horror, escondendo o rosto entre as mãos e precipitando-se na abobada como um insensato se-guido dos homens de armas encarregados de o vigiar.

- Despreza-me..., murmurou a serva com voz dé-bil, seguindo o marido com os olhos espantados, já me não ama.

Dizendo estas palavras, Avelina tornou-se livida, os seus joelhos curvam-se; perdeu os sentidos, e caíra no chão, se não fosse Guilherme Caillet, que correndo a recebeu nos seus braços e lhe disse:

- Resta-te teu pai.

Então ajudado de Adão o Diabo, ambos levaram nos braços a rapariga desmaiada e desapareceram na multidão.

Mahiet o advogado, testemunha deste angustioso espectáculo, entra precipitadamente debaixo da abo-bada que confinava com o adro, reúne-se aos guardas de Mazurek, e diz a si m delés:

- Esse servo que levam é chamado a duelo judi-ciário?

- Sim, respondeu o homem de armas, deve bater-se contra o cavaleiro Gerardo de Chaumontel.

- Preciso falar a esse servo.

- E' impossível...

- Sou seu padrinho de armas no combate, atre-ver-te-ias tu a estorvar-me de falar ao meu cliente? por Deus morto! Eu sei qual é a lei... e se recu-sas...

- Não é necessário gritar tanto. Se tu és padrinho de armas de Tiago Bonhomme..., anda cá..., tu tens ali um famoso campeão!

O torneio ou perdão de armas, ruinoso espectáculo oferecido à nobreza do país pelo senhor de Nointel por ocasião dos seus desposórios, tinha lugar num vasto prado situado as portas da cidade; o lugar do combate, chamado campo cerrado, ou liça do combate era segundo o regimento do ano 1306, de oitenta pas-sos de comprimento sobre quarenta de largura e ro-deado de uma duplicada fileira de bandeiras, que dei-xavam entre si um espaço de quatro pés.

Neste intervalo conservam-se os buzinaadores ou clarins; os criados dos cavaleiros combatentes estão também neste sítio, prontos para retirarem seus amos da escaramuça, ou para socorrer-los quando caírem do cavalo. Porque os valentes vestem-se de armaduras

tão compactas e pesadas, que dificilmente se podem mecher. Dentro destas barreiras, vêm-se ainda ara-utos e sargentos de armas encarregados de conservar a ordem no torneio e de julgarem os botes duvidosos. A plebe da cidade e dos campos próximos, que acudi-ra a este espectáculo ao sair da missa, amontoa-se fora das liças; nunca se viu gente mais estarrapada, mais macilenta, de aspecto mais miserável e mais pungente do que esta multidão de quem o trabalho afanoso é o único que fornece meios às loucas prodigalidades de seus senhores. A única consolação desta pobre gente embrutecida e tímida é de poder assistir de longe; como naquela dia, às sumptuosidades que pagam com os seus suores, e com o seu sangue; por isso ao sair das suas choças de terra, onde extenuados pela fome, mortificados pela fadiga, dormem todas as noites em confusão num solo lodacento, como animais no seu covil, os vassallos contemplam com uma surpresa cheia às vezes de ódio feroz, a brilhante assembleia coberta de seda, de veludo, de bordaduras e de joias que en-che um vasto anfiteatro ornado de tapetes e de ricas armações, levantado sobre todo o comprimento de um dos lados do campo cerrado e reservado às nobres da-mas, aos senhores e aos prelados do país.

De cada lado deste anfiteatro, abrigado contra o sol e a chuva por velários, estão duas tendas destina-das aos cavaleiros que tomam parte nas justas; ali re-vestem as suas pesadas armaduras antes do combate, é ali também que os transportam, quando, em conse-quência de alguma queda do cavalo, ficarem contusos. Numerosas bandeiras com as armas do senhor de Nointel fluctuam no topo dos postes que circulam a liça.

A rainha do torneio é Glorianda, nobre donzela filha de Raúl, conde e senhor de Chivry, e futura esposa de Conrado de Nointel. Magnificamente ataviada e vestida de seda encarnada bordada a ouro, os seus cabelos pretos entrançados de perolas, alta e notavelmente formosa, mas de uma beleza alva e arrojad; de lábios desdenhosos, e olhar imperioso,





## O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

Relato circunstanciado das sessões celebradas em Amsterdão

Terceira sessão, em 21 de março

Silva Campos, Portugal, nada tem que objectar à resolução Schapiro, mas é contrário à centralização pelo bureau do fundo de solidariedade internacional.

Em Portugal a C. G. T., tem um fundo parecido, permanente, que o conselho federal administra. Quanto ao resto, como deseja que a A. I. T. realize uma propaganda internacional regular, também opina por uma cotização regular para a A. I. T.

Santillan faz uso da palavra para responder aos ataques dirigidos mais ou menos indirectamente à F. O. R. A. e às organizações latino-americanas. Lamenta que queiram apresentá-las como uma espécie de sonhadores, de românticos que vivem fora da realidade e que só compreendem a solidariedade sob o ponto de vista sentimental.

Há o exemplo da Suécia que se deve imitar. Somos os primeiros em reconhecer o muito que os nossos camaradas desse país têm feito pela vida da A. I. T. e pelo nosso movimento na própria Suécia; mas se uma comissão se encarregasse de examinar os detalhes, e se ela comprovasse que a organização sueca tem dispendido mais dinheiro, no ano findo, para a propaganda nacional e internacional e para a solidariedade nacional e internacional que a F. O. R. A. em relação comprometer-se hiam a aceitar a resolução de Schapiro. A F. O. R. A., e com ela o movimento anarquista da Argentina que actua no seu meio, dispense, só para socorrer os seus presos nos anos pacíficos, como o transacto, de 60 a 70 mil pesos; nos anos de agitação e de acção revolucionária como os de 1918 a 1924, os números vão além de 100.000 pesos anuais. Em 1923, o nosso comité pró-presos, de Buenos-Aires, socorreu 3.100 presos. Como se vê por estes números, que podem ser comprovados até ao último centavo, não compreendemos a solidariedade sob o ponto de vista superficial, mas, pelo contrário, podemos dar um exemplo aos camaradas dos outros países, da maneira como se socorrem as vítimas da injustiça da classe.

Kater referiu-se à situação alemã que impediu que fosse dado um maior apoio material à A. I. T. por parte da F. A. U. D. E' verdade, mas também é certo que o nível material dos trabalhadores, ainda é hoje na Alemanha, superior ao dos trabalhadores da América. Pelo que se refere ao fundo internacional de solidariedade, é bom lembrar, que a Argentina, além dos seus numerosos presos, não esquece um só instante os camaradas presos em Itália e em Espanha, e que possuindo já as suas tradições não podemos destruí-las caprichosamente; seria incompreensível o querer pretender que os socorros materiais que se enviam a Itália e a Espanha, por exemplo, de há uns 40 ou 50 anos para cá, se enviem para o futuro para Berlim, que dali sejam distribuídos. Também não se pode compreender que a propaganda internacional que a F. O. R. A. realiza na América, se faça em Berlim ou em Tóquio, onde não se conhecem as condições de aqueles países. E' o mesmo que se um dia nós levássemos o secretariado da A. I. T. para alguns dos países americanos e pretendéssemos que tudo o que se refere à propaganda e à solidariedade internacional pas-

sasse por nossas mãos. Estariam dispostos os camaradas da Europa a ceder?

A A. I. T., por outro lado, tem um cunho puramente europeu e nós próprios não permitiríamos nunca que se colocasse nas suas mãos uma propaganda que nós julgamos primordial e que a A. I. T. não parece ter compreendido.

A F. O. R. A. tem a missão de levar as ideias revolucionárias ao resto dos países da América com uma população de cem milhões de habitantes. Com esse fim já editou um número especial de *A Organização Operária*, de 128 páginas que custou uns 2.000 pesos. Neste momento, pensa-se numa viagem internacional, apoiada pela F. O. R. A., e é certo que depois dessa viagem, ingressarão na A. I. T. sete ou oito novos países onde o movimento anti-autoritário começa a desenvolver-se. Tudo isto exige despesas e para elas nós pedimos a ajuda das organizações da Europa, mas tão pouco estas podem exigir da América que contribua para o fortalecimento da A. I. T. pela forma directa que a Suécia o pode fazer, sobre cuja organização não pesa o dever de difundir as ideias da revolução social por um território dez vezes maior que a Europa inteira.

O orador discute com Carbó, que disse que se a situação da Argentina se deve às ideias anarquistas seria melhor que essas ideias desaparecessem do movimento operário.

Em compensação, afirma que a actual situação da conferência espanhola, se deve muito mais à ausência do espírito anarquista nos seus dirigentes que à ditadura de Primo de Rivera. A reacção não é uma causa suficiente para não subscrever para a A. I. T.; uma das mais brutais reacções existe também na América e isso não aniquila o movimento. Se na Europa se conhece um pouco a situação do México não haveria coragem para reclamar da C. G. T. que satisfizesse pontualmente as suas cotizações à Internacional, como também não se pode reclamar que os anarco-sindicalistas nunca façam o mesmo, pois todos sabem o que vai pela Rússia.

Se, a pesar da reacção, o nosso movimento na América persiste e se desenvolve, não é porque a reacção seja mais franca, mas sim porque as nossas organizações souberam apresentar uma frente de batalha mais indestrutível do que apresentaram na Rússia, os anarco-sindicalistas.

É oportuno juntar que o fascismo apareceu na Argentina com Carles, antes de aparecer em Itália. A diferença está em que o movimento revolucionário da Argentina teve a boa ideia de impedir por todos os meios que esse movimento se desenvolvesse. Finalmente diz que as organizações da América não só não poderão aceitar a resolução de Schapiro, mas que também a cota estabelecida não poderá ser satisfeita, pois se assim não fosse, teria que se sacrificar esforços e planos, como o da viagem internacional de propaganda pela América, que deve ser mais interessante do que perder o tempo em polémicas sobre o que disse Losovsky e o que faz qualquer outro personagem, cujos nomes e cujos propósitos não apresentam nada do outro lado do oceano.

Fim da sessão.

(Continua.)

## HORARIO DE TRABALHO

### Condutores de Carroças

Com a presença de todos os membros reuniu a Comissão Administrativa e Secção do Povo do Bispo, apreciando demoradamente a forma de fazer respeitar o horário de trabalho. Esta comissão aconselha os condutores de carroças a fazerem cumprir o horário de trabalho, e a dirigirem-se a este sindicato caso os proprietários se recusarem a cumprir-lo.

Resolveu mais encetar uma rigorosa fiscalização no horário para que no mais curto prazo de tempo seja o horário de trabalho respeitado. Ontem uma comissão entrevistou o governador civil sobre a forma de fazer com que os proprietários cumpram o que determina o decreto 10.782 respondendo aquela autoridade que lhe entregassem uma lista dos proprietários que estão transgredindo o horário para assim ele chamá-los.

Também uma comissão deve entrevistar o ministro do Trabalho, para lhe entregar uma exposição sobre o horário de Trabalho e a lista dos patrões que não querem cumprir o decreto. Ficou resolvido também realizar na próxima sexta-feira, pelas 19 horas, uma reunião de Condutores do Povo do Bispo e também realizar outra no domingo na sede central.

Esta comissão tem conhecimento que vários proprietários têm exercido vinganças sobre os seus operários por eles exigirem o cumprimento do horário de trabalho, vinganças estas que têm ido até ao despedimento e as autoridades sempre zelosas em aplicar multas aos condutores, estão agora usando uma grande benevolência para com os proprietários.

As casas mais renitentes em não quererem dar o horário de trabalho e vexar os seus operários são os sr. António Franco e João Francisco. Estes senhores têm ido ao ponto de feroz e ignóbilmente acobicearem o decreto do horário de trabalho.

Nesta conformidade esta comissão exorta todos os operários a cumprirem o seu dever resistindo às arremetidas dos proprietários.

Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral da Associação de Classe dos Condutores de Carroças.

Como é respeitado o horário em algumas casas bancárias

A experiência tem-nos mostrado e continua a mostrar-nos que a emancipação dos trabalhadores só se pode realizar pelo esforço dos mesmos trabalhadores, e quem

## AS GREVES

Mantém-se inalterável a dos têxteis de Gouveia

Gouveia, 22.—O movimento grevista da classe têxtil mantém-se no mesmo pé e com tal firmeza que muito honra o operariado da localidade bem como a organização operária. Os motivos da greve já são conhecidos por todo o operariado porque *A Batalha* a eles já se referiu. E' vergonhoso o que se constata aqui. Enquanto que em várias localidades pretendem os industriais sofismar a lei exigindo dos operários um maior número de horas. Aqui o industrialismo têxtil optou por um outro processo e que é bastante infame.

Recebe um salário muitíssimo diminuído a classe assalariada ou seja a que trabalha de jornal.

Operários há que estavam auferindo um salário diário de seis escudos e cinquenta centavos, e com o abatimento que pretendem fazer-lhes ficavam auferindo quatro escudos e setenta centavos, isto operários com família a sustentar.

E parece que não há nada mais desumano do que uma atitude como a do industrialismo desta terra.

Como delegados da Delegação Confederal de Propaganda das Beiras encontramos nesta localidade os militantes Manuel dos Santos Luís e José Maria Ferreira. A convite do sindicato reuniram-se em sessão a classe e é de elogiar a atitude nobre e activa como a classe se afirmou comparecendo na reunião, a ponto de, a pesar do salário de sessenta e sete centavos, não ter sido suficiente para computar um tão grande número de mulheres que à mesma assistiram.

Presidiu a sessão António dos Santos Ribeiro, e a secretária foi José Augusto Nogueira e José Augusto Viveiro Júnior.

Usou da palavra João Respeito Mota manifestando grande satisfação pela numerosa assistência e apelando para que a classe se mantenha firme.

Segue-se José Maria Ferreira, pela Delegação Confederal de Propaganda das Beiras, que dirige, em nome da C. G. T. as suas saudações sindicais revolucionárias.

Traça com forte argumentação a razão de ser da lei do dia normal de oito horas demonstrando que a lei não foi favorável ao Estado conferiu à classe trabalhadora, mas sim uma conquista da mesma porque por essa regalia há muito se vem lutando, citando por exemplo a tragédia de Chicago.

Diz mais que é de lastimar que sendo as «forças-vivas», como eles afirmam, os fiéis cumpridores das leis nós vemos que são os mesmos que pretendem agora desprestigiar a lei das oito horas. Afirma que se o capitalismo assim procede, isso deve-se unicamente à falta de organização das massas.

Dirigindo-se à mulher fez-lhe um rasgado apelo para que ingressasse no sindicato e para que seja ela a impulsora de seus companheiros nas lutas que têm que travar.

Por fim, em virtude de um grande número de jovens trabalhadores se encontrarem presentes, apela para que os mesmos organizem um Núcleo de Juventude Sindicalista demonstrando os benefícios que do mesmo organismo advêm.

Fala Manuel dos Santos Luís que dirige à assistência as saudações do Sindicato Têxtil e desenvolve também o assunto que diz respeito à lei das oito horas, descrevendo as lutas que nestes últimos dias tem havido na Covilhã para a mesma regalia não conseguindo os industriais os seus fins.

Termina fazendo votos pelo triunfo do movimento visto a organização operária de todo o país estar com os olhos fitos nos bons resultados do mesmo. Afirma que a Confederação Geral do Trabalho ficará muito satisfeita se amanhã receber a notícia que o movimento triunfou, pois o mesmo organismo lhe prestará, caso seja necessário, toda a solidariedade.

Por fim o presidente faz algumas considerações a propósito das palavras dos oradores antecedentes.—E.

### Os mobiliários de Guimarães proclamaram a greve em defeza das 8 horas

GUIMARÃES, 22.—Declararam-se hoje em greve os mobiliários da casa Neves & C.ª, por estes senhores se recusarem a conceder ao seu pessoal, o horário de 8 horas.

Uma comissão dimanada do Sindicato entrevistou o industrial Neves que disse ter sido a lei prorrogada por 30 dias e que a Associação Comercial e Industrial ia reunir só podendo dizer alguma coisa daqui a oito dias ou mais. Acrescentou que quem quizesse retomar o trabalho, a condição era: 10 horas de trabalho.

A mesma comissão procurou o delegado do governo, não o avistando por se achar ausente. O secretário ficou de mandar chamar o industrial Neves, o que fez, assentando-se em aguardar o regresso do delegado do governo e do presidente da Câmara, a fim de se procurar solucionar o conflito, o que deve suceder amanhã 23.

A classe conservou-se em sessão permanente, e disposta a fazer valer os seus direitos.

A greve repercutiu-se na casa dos outros industriais que concederam as 8 horas. Todavia estes dispõem-se a respeitar a lei se o industrial Neves a cumprir.

Foi enviado um telegrama ao governador civil, reclamando o cumprimento da lei. Daqui incitamos os mobiliários de Guimarães a manterem vivo o seu espírito de luta.—E.

### Trabalhadores dos Armazéns de Vinhos

Continua a greve dos trabalhadores dos Armazéns de Vinhos, que apenas se limita à casa Vasconcelos do Beato, tendo nas restantes casas todo o pessoal retomado o trabalho com vitória parcial. E' dizemos vitória parcial porque foi aceite uma redução de salário, para assim se reivindicar as 8 horas de trabalho.

O gerente da firma Vasconcelos continua reagindo contra o que a lei consigna, sendo sintomática a parcialidade da autoridade que se coloca contra os camaradas em luta, e a favor do patrão, que ainda ontem em atitude de fadista ordenou ao polícia que

## A "Voz do Operário"

dirigida por ignorantes, imbecis e mentecaptos

Já por mais de uma vez temos afirmado e demonstrado que a Sociedade A Voz do Operário contando mais de 65.000 sócios, os seus destinos estão entregues a uma minoria insignificante, constituída por empregados das fábricas de tabaco, que não vai além de 300 sócios. O pessoal das fábricas deve constituir-se por número superior a 1.500 indivíduos, e o facto de apenas 300 dos seus componentes fazerem parte da Sociedade, um quinto do número total de empregados das fábricas, revela bem o abandono a que a Sociedade foi votada por quem tinha obrigação moral de a manter. Acresce ainda que do limitadíssimo número de sócios dos tabacos, a enorme maioria desinteressou-se por completo da direcção da Sociedade, deixando-a entregue a uma insignificatíssima minoria, que ali teimosamente predomina, como se tem visto pelas votações das últimas assembleias, em que o maior número de votos que conseguiram reunir não atinge 30 sócios efectivos.

Mas se este facto como sintoma de decadência a que está condenada a Sociedade é já de si grave, pela resumida quantidade de sócios efectivos que frequentam as assembleias, muito mais grave ainda se torna pela sua qualidade e aos quais estão entregues os destinos da Sociedade.

Na última assembleia votava-se o orçamento da Sociedade, tendo um sócio auxiliar apresentado uma moção, com as seguintes conclusões:

1.—Convindar a comissão administrativa, que há de gerir a Sociedade no ano económico de 1925-26, a montar um serviço de estatística de todos os serviços sociais;

2.—Manter na escrita social a rubrica «Cerca» mandada abrir pela comissão de sindicância, e na qual serão debitados todos os gastos pela mesma feitos, inscrevendo-se de ora avante a verba para tal fim necessária nos orçamentos respectivos;

3.—Convindar a mesma comissão a pôr novamente a funcionar os serviços de educação física, devendo esse funcionamento recomençar no princípio do próximo ano lectivo.

Pois esta moção foi rejeitada por 6 votos contra 4 aprovações.

Numa assembleia constituída por 500 sócios apenas 10 tiveram direito a votar, e pelo uso que fizeram desse direito, rejeitando aquela moção, se pode adivinhar o grau de intelectualidade de semelhantes mentecaptos, a quem a Sociedade está entregue, e o que é mais grave ainda, é que dos votantes fazem parte indivíduos dos corpos gerentes, entre eles o primeiro secretário da direcção.

Por aqui se pode adivinhar das qualidades intelectivas da primeira figura que está à frente da Sociedade, o que nos força a

andava de giro que não consentisse o pessoal à porta dos Armazéns.

Os fiscais estão impedidos de cumprir a sua missão, visto os exportadores impedirem o seu ingresso nos armazéns que se acham guardados pela polícia que aconselha a alguns inconscientes que espantem os fiscais da Associação quando entrarem em qualquer armazém, como ainda há poucas horas o fez o guarda n.º 455.

Para que tais infamias se pratiquem, são os senhores exportadores bastante pródigos em dar vinho à polícia.

A firma Abel Pereira da Fonseca, ainda ontem teve 6 polícias a impedir que qualquer comissão fiscal exercesse vigilância no seu armazém. Esta firma foi a que mais mal se portou neste movimento, pois prometeu apreciáveis garantias para o pessoal retomar o trabalho, não tendo depois de todos retomarem o trabalho em do dito por não dito.

E' muito provável a proclamação de um movimento geral nos armazéns se a autoridade e patronato persistir não só em não cumprir a lei como também em perseguir os trabalhadores.

Uma comissão procurou ontem o Governador Civil, que muito imperceptivelmente se limitou a dizer-lhes que tinham razão. Outra comissão entrevistou o ministro do Trabalho que ficou de mandar cumprir mais rigorosamente o horário.

E assim está uma classe inteira à mercê da imbecilidade burocrática, sem haver quem repare tão graves transtornos.

### INTERESSES DE CLASSE

### A classe dos condutores de carroças deve lutar para viver

Nada há que me faça deter, dadas as arremetidas e a forma vexatória como os proprietários de carroças estão procedendo para com os seus operários, por os mesmos num direito próprio e legítimo estarem pugnando pelo cumprimento do horário de trabalho. A tática é velha e velhaca, e por isso se nos torna fácil denunciarmos quais os seus intuitos e quais os pontos que querem atingir.

Mas, quanto a mim a ferocidade com que os patrões estão atingindo vários componentes do nosso sindicato, deve merecer atenção da parte de toda a classe a qual se deve pôr em guarda contra as suas manobras e ao mesmo tempo responder com a mesma atitude, com a mesma correção, com que eles nos respondem.

Eu não posso conceber que a pretexto de várias picuinhas, os proprietários estejam a vigiar-se dos seus servos, aqueles que através de anos consecutivos lhes têm dado lucros fabulosos, e os tem levado a altas situações, pois que muitos deles há pouco tempo não passavam duns pobres.

Pois bem. As 8 horas de trabalho apesar dos proprietários tanto as guerrearem, atirando-nos para a miséria, só por que nós lhe exigimos o seu cumprimento, não de ser conquistadas custe o que custar.

Os tempos primitivos em que a classe dos condutores de carroças trabalhavam de sol a sol e com um salário miserável, não podem ressurgir, visto que a época que atravessamos, é de reivindicações.

E se assim não for, e se nos deixamos esmagar, pela pata furiosa dos nossos exploradores, renegamos todo o passado revolucionário dos operários condutores de carroças; será negar a nossa própria

deduzir que se na classe dos tabacos é aquilo uma amostra do que há de melhor na classe, implicitamente ela publicamente vem demonstrar que não está à altura de dirigir e orientar uma Sociedade, cujos dirigentes estão muito abaixo do nível de capacidade intelectual que os complexos serviços da instituição hoje exigem.

Mas—façamos-lhe justiça—na classe dos tabacos sabemos que há bastantes indivíduos muito superiores intelectualmente ao actual secretário da direcção, e o erro está em abandonarem a instituição a estes insignificantes, que dão uma pública e edificante prova de incapacidade, que muito se pode reflectir na classe dos tabacos.

Os serviços de estatística numa Sociedade de que conta 63.000 sócios, com um importante movimento obituario, com perto de 50 escolas, onde recebem educação para cima de 2.500 crianças, não foram reconhecidos de utilidade para os seis votantes a quem a Sociedade está entregue!

A destreza no orçamento das verbas, para uma maior clareza da sua aplicação, evitando-se a continuação do englobamento de verbas como se fôra o tonel das Naíades, para onde tudo se atirava, como anteriormente acontecia com a verba «Construção do edifício», não foi compreendida e reconhecida, como medida de ordem moral por que deve ser administrada a Sociedade, pelos seis votantes, que impuseram a sua vontade aos 63.000 sócios da Sociedade.

A educação física escolar, modernamente defendida por todos os pedagogos e exercida com obrigatoriedade em todas as escolas, no sentido de se defender a saúde física das crianças, sublimar o património social que os sócios entregam à Sociedade, para os seus analfabetos que votaram não merece a mínima parcela de atenção, antes ao contrário lhes provocou a sua repulsa!

A que grau de decadência querem levar a Sociedade, e o que é mais, com que direito a classe dos tabacos permite que em seu nome seis analfabetos comprometam a saúde dos filhos dos sócios que, confiantes, os entregam à Sociedade, para cuidar da sua educação e da sua saúde?

Em nome dos seus princípios ideológicos dos antigos manipuladores de tabaco que fundaram a instituição, a respectiva classe tem a obrigação moral de escorrar da direcção da Sociedade os mentecaptos que arduamente a conquistaram, e então, se reconhecem que não têm força para o fazer, entreguem a Sociedade a quem de direito, aos milhares de sócios que para ela contribuem com as suas cotas. E enquanto o não fizerem, a luta prosseguirá cada vez mais encarniçada, até se atingir o verdadeiro saneamento moral da Voz do Operário.

A sessão de hoje espera-se grande concorrência de sócios.

existência; será também deixarmos-nos arruinar e definir só por que não soubemos afirmar-nos como trabalhadores conscientes. Todos nós conhecemos a psicologia dos nossos patrões, pois que a pesar de terem olhos e verem as coisas, teimam sempre em ver-se conseguem ver satisfeitos os seus propósitos, caso os operários se prestem a esse papel e aceitem as suas imposições, sem qualquer clamor de revolta.

Ah! como se enganam: Os operários, a pesar de há um tempo estarem numa amorfia e desinteressando-se por todos os assuntos que os interessam, hoje estão dispostos a tratar, contra os que querem conservar, debaixo das maiores tiranias, debaixo do mais repleto jugo.

E quanto a mim, é necessário para não deixarmos perder a ocasião, agir, agir bastante, sem uma defeição, sem um desânimo até à completa conquista das 8 horas de trabalho.

A ignóbil situação que temos estado sujeitos, não pode perdurar por mais tempo por que a continuarmos na apatia que até certo ponto se torna criminosa, seremos esmagados pela imbecilidade dos nossos irreconciliáveis inimigos.

Jaime Gomes

Condutor de carroças sindicado

### A classe metalúrgica e o horário do trabalho

Verificámos infelizmente que existem em várias classes pequenas minorias de operários que cheios dum egoísmo deveras condenável estão a atirar o horário do trabalho, trabalhando sucessivas horas suplementares em prejuízo do restante proletariado.

Há classes que neste momento atravessam uma grave crise de trabalho estando desocupados centenas de operários, como sucede na metalurgia.

Contudo por toda a cidade existem oficinas a laborar, fazendo horas suplementares sem que todavia os operários que nelas trabalham tenham a compreensão de que estão a cometer uma traição aos seus camaradas desocupados os quais lutam com a fome enquanto eles recebem salários que lhe dão para todos os desperdícios.

Assim temos a impressão que já não existe aquela solidariedade que era o apanágio da família metalúrgica. E' mister arripiar caminho e cumprir as 8 horas para que num futuro que já prevemos bastante próximo não se agrave a nossa situação, pois a fome já invadiu centenas de lares.

Todavia na Sociedade Portuguesa de Construções Mecânicas, travessa de Paulo Jorge estão alguns operários a trabalhar, não só duas horas suplementares a 10 "l, mas também ao domingo pagas a singelo, enquanto que outros operários mais conscientes, não querendo atirar essa regalia (sem sabido resistir às sugestões. E' necessário acabar com essa traição, senão vós, sereis os culpados da fome e talvez da morte de filhinhos dos camaradas desocupados.

J. S.

"A BATALHA" No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Fazendas para fatos e vestidos. Pecam amostras a SILVA & C.ª — Covilhã

## Vida Sindical

C. G. T.

### Comissão organizadora do IV Congresso Operário

Reúne amanhã, pelas 21 horas para apreciar e dar execução às resoluções do Conselho Confederal.

#### COMUNICAÇÕES

**Federação Metalúrgica.**—Reuniu a comissão administrativa a qual deu despacho ao expediente dos sindicatos da Marinha Grande e Vieira de Leiria.

Segundo as deliberações do conselho oficial à C. G. T. sobre a questão do Comité Metalúrgico.

Tomou-se conhecimento, por intermédio de cartas vindas de várias localidades, da falta do cumprimento do horário de trabalho, ficando assente tratar do caso convenientemente. Foi apreciado um ofício da C. G. T. pedindo informes estatísticos dos sindicatos, tomado na devida consideração. Ocupou-se da apatia da classe e a falta de actividade de alguns sindicatos pelo que ficou resolvido levar a efeito uma reunião magna de metalúrgicos em Almada o mais breve possível a fim de levantar o respectivo sindicato. O mesmo se fará em Setúbal para o que se oficia para a U. S. O. local.

Resolveu mais notificar aos sindicatos de Abrantes, Covilhã e Portalegre para trocarem entre si correspondência coizante a missão desta Federação.

Tomou ainda conhecimento, por intermédio do sindicato de Lisboa, de que se prepara mais uma irregularidade pois pretende-se reparar no estrangeiro barcos de longo curso em prejuízo manifesto da classe tanto mais no momento em que se manifesta uma crise na indústria metalúrgica. Ficou assente ir junto das entidades competentes que no assunto superintendem obstar a tal pretensão.

Ficou deliberado reunir novamente para tratar dos trabalhos vindos de reuniões anteriores, bem como convocar o conselho federal a reunir na próxima sexta-feira 26.

**Corticeiros de Belém.**—Reuniu a comissão administrativa para apreciar a forma infame e covarde como alguns corticeiros desta área estão a proceder para com o sindicato, difamando pela taberna esta comissão querendo assim estabelecer um confusãoismo entre a classe, o qual poderá levar a um afastamento bastante criminoso.

Resolveu convidar esses cavalheiros e em especial Benvidio Ramalho a comparecer na próxima assembleia que se deve realizar amanhã, a fim de provar as suas difamações.

Resolveu mais, no caso de não comparecerem, editar um manifesto à classe para uma nova assembleia, na próxima semana, convidando a assistir delegados da Federação Corticeira Nacional e da Câmara Sindical do Trabalho.

**Federação da Construção Civil.**—Reuniu a Comissão Administrativa do Construtor dando despacho a vários expedientes, tendo resolvido lembrar mais uma vez a todos os sindicatos que ainda não responderam à circular enviada para a saída do Construtor, a fazê-lo o mais breve possível, para não prejudicar a sua saída.

#### CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

**Federação do Livro e do Jornal.**—Pelas 21 horas o Conselho Central para assunto urgente.

**Federação de Calçado, Couros e Peles.**—Por não ter sido possível reunir ontem a Comissão Administrativa reúne hoje pelas 20 e meia horas.

**Federação Mobiliária.**—A's 20 horas a Comissão Administrativa.

**Federação da Construção Civil.**—Para se ocupar de assuntos de grande urgência entre os quais se salienta o horário de trabalho, pelas 20 horas o Conselho Federal.

**Compositores Tipográficos.**—Para continuação dos trabalhos pendentes da última assembleia às 18 horas.

**Litógrafos e Anexos.**—Pelas 20 horas, a Comissão Administrativa juntamente com o Conselho Fiscal. E' indispensável a comparencia do secretário geral.

**Operários Mecânicos em Madeira do Ramo de Tanoaria.**—Pelas 19 horas a assembleia geral a fim de resolver sobre a tese a apresentar no congresso e outros assuntos urgentíssimos.

**Associação dos Pasteleiros, Chocoleiros e Anexos.**—O pessoal da Fábrica de Chocolates Suíças, pelas 20 horas, na sede da Secção da Construção Civil de Belém.

**Associação dos Colchoeiros.**—A assembleia geral, em 2.ª convocação para eleição dos corpos gerentes.

**Marinheiros e Moços da Marinha Mercante.**—Assamblea geral extraordinária, pelas 18 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: tratar da venda do prédio; adquirir nova sede para a classe e tratar da situação dos sócios eliminados.

**S. U. Mobiliário.**—A's 30,30 horas assembleia geral com a ordem de trabalhos já publicada. Como é a 3.ª convocação tomará resoluções com o número de sindicatos que comparecer.

**Sindicato Unico Metalúrgico.**—Comissão Administrativa às 20 horas.

**Sindicato U. da Construção Civil.**—Secção Profissional dos Canteiros e Polidores de Marmores.—Pelas 21 horas, a Comissão Administrativa actual juntamente com a sua sucessora.

**DIAS PRÓXIMOS:**

**Federação Metalúrgica.**—Reúne amanhã, às 20,30 horas o Conselho Federal.

#### JUVENTUDES SINDICALISTAS

**Federação.**—Reúni hoje, pelas 20 horas, o comité federal.

**Núcleo de Lisboa.**—Secção Metalúrgica.—Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral.

#### FESTAS ASSOCIATIVAS

#### Operários aifaiates

Realiza-se no próximo domingo a festa do 34.º aniversário deste sindicato com um lindo programa sendo abrihantado por um distinto grupo musical.